

Estabilidade e comodismo

Duas matérias veiculadas na mídia me chamaram a atenção nestes últimos dias. A primeira delas, na CBN, ao mostrar aos seus ouvintes o resultado de uma pesquisa realizada pela Futura sobre como as pessoas percebem e avaliam o emprego público frente a alternativas de ocupação, como emprego no setor privado.

A segunda, numa matéria publicada pelo jornal A GAZETA na sua edição do último domingo, que abordou a especificidade do mercado de trabalho do Espírito Santo frente a outros Estados e em relação à média nacional.

O mercado de trabalho foi classificado como instável, podendo ser caracterizado como turbulento. Isso especialmente porque opera com um descasamento entre oferta de postos de trabalho do lado do setor produtivo e a quantidade e qualificação das pessoas que estão à procura de emprego, de outro.

No primeiro caso – o da pesquisa de opinião – o que chama a atenção é a preferência demonstrada pelo emprego público, já que 56% dos entrevistados preferem emprego público em detrimento do emprego privado.

E o que é mais preocupante: 63% das pessoas com forma-

ção superior preferem emprego público ao emprego numa empresa privada. E a justificativa para essa preferência é a estabilidade, que na média chega a ser indicada por 40% dos entrevistados como fator diferenciador, mas que para aqueles de nível superior atinge o percentual de 66%. Isso significa que quanto maior o nível educacional, maior é a preferência pelo emprego público, como também tem maior peso na preferência o fator estabilidade.

Já a segunda matéria aborda um fenômeno que pode ser caracterizado como próprio do Espírito Santo. Sob o título “Estado cresce, gera emprego, mas diploma não garante vaga”, a jornalista Diná Sanchotene valeu-se de um estudo feito pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) para mostrar que apesar da exuberância da economia e consequente grande oferta de emprego, a taxa de desemprego movimentou-se de forma assintótica. Atingiu 10,4% em 2007, 5,6% em 2008 e 7,8% em 2009.

E o que mais intriga é a constatação de que essa turbulência e o descasamento apresentam alta correlação com o nível de escolaridade.

Acredito que a explicação para o fenômeno vai além das

questões colocadas pelos analistas do IJSN, dentre as quais a mencionada dessincronização de velocidades entre oferta de postos de trabalho pelas empresas e disponibilização de qualificações do lado de quem está à procura de trabalho.

Nesse caso fica claro que existe um “gap” que deveria ser preenchido por um esforço de treinamento. Mas é aí que nos deparamos com outro problema, que é revelado pela pesquisa de opinião, em que a maioria das pessoas demonstra preferência pela estabilidade de um emprego público, especialmente aqueles que já dispõem de uma maior qualificação. Essa maioria, muito provavelmente, também demonstra preferência pela modalidade de qualificação para concursos públicos, como também fazem suas escolhas de cursos a partir de suas convicções prévias.

O mais inusitado, mas ao mesmo tempo trágico, foi descobrir, através da pesquisa de opinião, que 58% dos entrevistados avaliam que a estabilidade no emprego pode gerar baixo desempenho e comodismo.

■ ■ Orlando Caliman é economista. E-mail: caliman@futura.net.ws